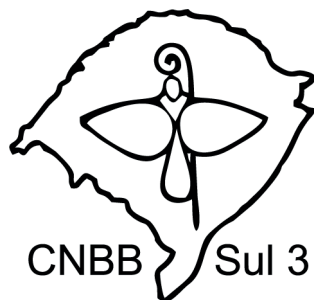


$y+[a-b]=$

# TEMAS EMERGENTES EM EDUCAÇÃO 1

$a=\sqrt{xb*c}$



# APRESENTAÇÃO

A Comissão de Educação e Cultura do Regional Sul 3 da CNBB tem a satisfação de disponibilizar este primeiro subsídio com *Temas Emergentes em Educação*. Diante dos desafios atuais, é urgente que os educadores se reúnam, dialoguem e encaminhem propostas para uma nova consciência educativa. Trata-se de formar a pessoa do educador e do educando em todas as suas dimensões, em vista de uma sabedoria de vida que supere uma concepção utilitarista, reducionista e mercantilista da educação. Nessa abordagem, a transcendência, a beleza e a ética não ocupam um papel coadjuvante.

O subsídio é proposto como um itinerário de reflexão para encontros de professores, buscadores de novos paradigmas e de novas práticas. Pessoas capazes de não se conformar com a situação.

Agradecemos aos autores dos artigos: Leonardo Agostini e Sônia Maria de Souza Bonelli, professores na PUCRS; Maurício Perondi, do Observatório da Juventude (PUCRS); Patrícia Espíndola de Lima Teixeira, da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre; e Pe. Marcos Sandrini, da Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre. A maioria faz parte da coordenação da Pastoral da Educação do Regional.

Que a Virgem Maria “Odigitria”, aquela que indica e guia ao longo do caminho, acompanhe todos que se dispõem a trilhar novas estradas para uma educação integral e solidária.

Dom Leomar Antônio Brustolin  
Bispo Auxiliar de Porto Alegre  
Referencial da Comissão de Educação e Cultura  
Regional Sul 3 da CNBB

# ÍNDICE

1. A CULTURA DO ENCONTRO E DA PROXIMIDADE .....	5
Professor P. Marcos Sandrini e Professor Leonardo Agostini	
2. EDUCAÇÃO: UM PROCESSO INTEGRAL E HUMANIZADOR .....	11
Professora Patrícia Espíndola de Lima Teixeira	
3. PASTORAL DA EDUCAÇÃO E RELIGAÇÃO DE SABERES .....	17
Professora Sônia Maria de Souza Bonelli	
4. PROTAGONISMO JUVENIL: UM DESAFIO PARA AS COMUNIDADES EDUCATIVAS .....	23
Professor Maurício Perondi	

# A CULTURA DO ENCONTRO E DA PROXIMIDADE

*Marcos Sandrini e Leonardo Agostini*

*“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida.”  
(Vinicius de Moraes)*

Cada vez mais as pessoas, sobretudo as novas gerações, estão se convencendo de que o grande mal do mundo é a unidimensionalidade. Olhar o mundo apenas a partir de um único ponto, de uma única disciplina, de uma única ciência, traz consequências terríveis. Alguém poderia perguntar: é possível unidimensionalidade com tantas especialidades? Aí é que reside o perigo. Um paciente, por exemplo, pode ser tratado por diversos profissionais da saúde, cada um em sua especialidade, mas sem ter uma visão de sua complexidade. Aí o estrago pode ser maior do que se tivesse sendo tratado por apenas um profissional numa visão mais holística do mundo. A palavra holística, de origem grega, significa tudo e todos. Todas as pessoas, sem exclusão, em todas as suas dimensões (física, psíquica, social, cultural, religiosa).

## **1. Educar sem escola?**

De vez em quando se escuta notícia de processos judiciais contra pais que querem educar seus filhos apenas em casa. A Folha de São Paulo de 06/03/2010, C1, dá a seguinte manchete: “Juiz condena pais por educar filhos em casa”. Como subtítulo afirma: “sentença prevê multa e fala em ‘abandono intelectual’ dos jovens de 15 e 16 anos, tirados da escola há quatro anos, em Minas”. A reportagem também afirma que este método chamado de homeschooling reúne cerca de um milhão de adeptos só nos EUA, embora organizações de aprendizado escolar domiciliar sugiram que o número real possa ser o dobro.

No Brasil, nenhum juiz deu ganho de causa para qualquer pai que quis “escolarizar” seus filhos em casa, sem passar pela escola. Isto é compreensível

porque a escola não é a continuação da família. Pelo contrário, ela é a ampliação da vida familiar. Numa sociedade pluralista, as novas gerações precisam ser educadas junto com outras crianças. Toda criança precisa encontrar-se com crianças com outras concepções de vida de todos os tipos: políticas, culturais, religiosas, éticas, econômicas, sociais, sexuais, étnicas. Como uma criança vai ter noção de etnia se não convive com as diferentes etnias? Como pode ter uma noção de gênero se não convive com o gênero diferente? O professor não é um computador ambulante, não é uma enciclopédia ambulante. Certamente que ele passa, transmite conteúdos. Uma boa escola tem que fazer isto. No entanto, todo professor é mais que isso. Ele é um mediador cultural. Toda sala de aula é um espaço de convivência com os diferentes. A escola é um ambiente de atitude e de socialização e não apenas um lugar onde se ensina conhecimentos gerais. Mesmo que os pais pudessem passar os conteúdos em casa para seus filhos, eles não conseguem possibilitar uma vivência plural da sociedade. Escola é mais que uma sala de aula, um computador e uma biblioteca. É o encontro e a convivência dos diferentes.

## **2. A educação verdadeira é complexa e holística**

Para refletir educação faz-se necessário enfrentar esta questão. Nenhuma pessoa é simples e nem complicada. Nenhuma educação tem que simplificar e nem complicar sua missão. A educação é complexa porque a vida é complexa. Um dos autores mais lidos nas licenciaturas, sobretudo de Pedagogia, é Edgar Morin. Ele é conhecido como o pedagogo da complexidade. Seus livros são um poema a favor da diferença e da convivência entre diferentes. Esta teoria da complexidade recupera dimensões perdidas ou mesmo nunca achadas. A racionalidade não explica por inteiro a realidade. A intuição, as imagens, as sensações, a poesia, o pensamento mágico, também ajudam, em grande grau, a completar o conhecimento harmônico e ordenado da realidade. Papa Francisco diz em uma de suas alocuções “desejo aos pais, professores, pessoas que trabalham na escola, estudantes, um caminho agradável na escola, uma via que faça crescer as três línguas que uma pessoa madura deve saber falar: a língua da mente, a língua do coração e a língua das mãos. Mas harmoniosamente, isto é pensar o que se sente e o que se faz; sentir bem o que se pensa e o que se faz; fazer bem o que se pensa e o que se sente. As três línguas harmoniosas e juntas”.

Esta complexidade é riqueza. Esquecer alguma delas é cair no unidimensional que não deixa a pessoa se expressar em toda a sua riqueza. Até Deus é complexo. É verdade que ele é uno, mas é também trino. Certa feita uma avó contou que a mãe de seu neto o recriminou com certa firmeza e o neto tinha

ficado muito contrariado. Na hora do almoço, era domingo, toda a família foi à mesa e começaram a rezar com o sinal da cruz. O garoto contrariado, ao final do mesmo disse: “Bem feito, não tem mãe”. Esta é a nossa maneira de falar. Por que no sinal da cruz só tem o pai e o filho? Onde está a mãe? Neste caso, o menino foi um verdadeiro teólogo porque tocou numa questão fundamental que é a de gênero.

### **3. Disciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade**

Estas três palavras fazem parte do universo vocabular de qualquer professor. A disciplinaridade é o que mais fazemos. Dividimos o saber por disciplinas com pouco ou nenhum diálogo entre elas. E as caixinhas das disciplinas enchem nossas cabeças conforme os horários e os tempos. A interdisciplinaridade já é um grande avanço. Estuda-se os diversos saberes e se faz um diálogo entre eles. No entanto, ainda este diálogo pode ser unidimensional. Pode-se estudar apenas com a cabeça sem envolver as mãos e o coração. Já a transdisciplinaridade seria a conjugação das diferentes dimensões do saber num diálogo amplo e verdadeiro. O que adianta colocar uma enciclopédia de dados na cabeça se isto não passa para o coração e para as mãos? Esta é a verdadeira arte e cultura do encontro.

A escola ensina a verdade, mas também ensina a beleza e a bondade.

### **4. Pensamento fraco e pensamento forte**

Há um autor italiano chamado Giani Váttimo, considerado o filósofo do pensamento fraco. Pensamento fraco não significa não ter pensamento e nem ser louco. Simplesmente significa ter um pensamento sem vontade de poder. O contrário seria o pensamento forte. Este seria o equivalente a pensamento único. Não há uma única maneira de ver o mundo. Porque o mundo é complexo não é possível assumir uma única dimensão e uma única visão e querer impor esta visão aos outros. A minha visão de mundo pode não coincidir com a visão que o meu próximo tem. Quem tem razão? Os dois têm razão porque ambos estão sempre à procura da verdade. Uma coisa é a verdade e outra é a procura da verdade. Há uma frase atribuída a Voltaire que diz: “posso não concordar com uma palavra do que você diz, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-lo”. Isto é pensamento fraco, sem vontade de dominação.

Na realidade, o que mais existe no mundo é o pensamento forte, isto é, o desejo de dominar, de subjugar, de convencer, de eliminar o outro. Num mundo altamente militarizado, com armas cada vez mais aperfeiçoadas, com bilhões de analfabetos reais ou funcionais, o que é a verdade? Ela mais é fonte de dominação do que fonte de libertação de tudo e de todos.

Papa Paulo VI escreveu uma encíclica belíssima, *Evangelii Nuntiandi*. Em seu número 8 ele afirma: “Como núcleo e centro da sua Boa Nova, Cristo anuncia a salvação, esse grande dom de Deus que é libertação de tudo aquilo que oprime o homem, e que é libertação, sobretudo do pecado e do maligno, na alegria de conhecer a Deus e de ser por ele conhecido, de o ver e de se entregar a ele. Tudo isto começa durante a vida do mesmo Cristo e é definitivamente alcançado pela sua morte e ressurreição; mas deve ser prosseguido, pacientemente, no decorrer da história, para vir a ser plenamente realizado no dia da última vinda de Cristo, que ninguém, a não ser o Pai, sabe quando se verificará”.

O importante é dialogar. Por isso, sem uma atitude de humildade, de pensamento fraco diante da realidade, a cultura do encontro se torna cada vez mais difícil. Esta é também a fonte do bullying que é um termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Note que se fala em relação desigual de poder. Esta relação desigual brota do pensamento fraco.

## **5. E a escola o que tem a ver com isto?**

Precisamos apontar alguns caminhos para a superação desta cultura da dominação e da força que é fonte de desencontros na sociedade e que a escola tem a missão de enfrentar com vigor.

### **5.1. Ser diferente não é ser desigual**

Uma das consequências da assunção do pensamento fraco (*pensiero debole*) é o desejo de não aceitar a unidimensionalidade. Não há pensamento único, cultura única, economia única, religião única, ética única. No entanto, o que mais se vê é o pensamento forte dirigindo as pessoas na visão de que a diferença se identifica com desigualdade. Infelizmente estas questões estão tão arraigadas na sociedade e nas pessoas que é difícil reconhecê-las presentes. A maioria das pessoas se acham isentas de preconceitos e conceitos.

Há um padrão de ser humano estandardizado e único que deve servir de metro para o julgamento das pessoas. O grande desafio para a educação é descobrir este currículo oculto verdadeiro e forte para enfrentá-lo adequadamente. Há pessoas que dizem que só a educação é capaz de salvar e desenvolver um país. Até aqui todos estão de acordo. No entanto, é importante se perguntar qual o tipo de educação necessária para um país como o Brasil, que tem uma das maiores concentrações de renda do mundo, fonte de desigualdade. Há pessoas que tiveram acesso a todos os estudos possíveis e, no entanto, continuam defendendo uma sociedade livre sem ser justa o que, convenhamos, é uma grande impossibilidade.

## **5.2. Passagem da tolerância para a diversidade**

A diversidade não é uma etapa da caminhada evolutiva do mundo e da história. A diversidade é o que constitui a verdadeira riqueza da humanidade. Cláudia Werneck, presidente da ONG Escola de Gente, que lida com portadores de deficiência e a intolerância linguística, afirma que a escola deve trabalhar com o conceito de diversidade, não só de tolerância. Aliás, esta palavra já está tão desgastada negativamente que mais traz desumanidade que humanidade. Ninguém precisa tolerar ninguém, porque todos vão respeitar as diferenças. Professores e estudantes precisam estar preparados para aceitar a diversidade. As pessoas precisam aprender a respeitar não por pena, mas porque todos têm limitações e são diferentes entre si. Este é um conteúdo fundamental da escola.

## **5.3. A violência não é normal e não pode ser banalizada**

Há violências que se tornaram rotineiras, duradouras, diárias, às quais nos acostumamos e por isso são apenas percebidas, criticadas e analisadas, mas não enfrentadas com a devida metodologia e convicção pedagógica. Habitua-nos com as coisas diárias, mesmo que sejam escandalosas e graves. A educação verdadeira desmascara os preconceitos de gênero, etnia, sexo, religião, para construir relações mais humanas e dignas. Sem isto, o ideal de paz estará muito longe.

Uma coisa, porém, é a agressividade e outra, violência. Agressividade é normal. No entanto, se não for bem tratada pode descambar em violência. As bordas da agressividade e da violência quase se tocam. A liberdade total favorece a violência, porque não orienta a agressividade para ações formativas. O desrespeito às normas, ao anteriormente estabelecido na família, na escola, entre amigos, quebra o sentido da lealdade. Sem essa consciência de responsabilidade, dificilmente se detém o processo da agressividade para a violência e torna-se impossível o convívio humano.

Nossa civilização ocidental desde os gregos tem muita dificuldade para trabalhar e conviver com a existência do outro. O outro é sempre uma ameaça. Está na hora de dizer que o outro é a maior possibilidade de realização da pessoa humana. O outro não pode ser discriminado em seu corpo, em sua etnia, em sua religião, em seu gênero, em sua idade, no uso dos bens econômicos. Isto não se faz por voluntarismo apenas, se faz com reflexão, com convenções e com diálogo permanente.

## **5.4. Nosso Mestre nos ensinou a acolhida e o respeito às diferenças**

É preciso ler o evangelho de Jesus Cristo com o olhar dele. Muita gente lê o evangelho com o seu olhar e não consegue alargar seus horizontes. Jesus deu um fim à visão de que as pessoas nascem desiguais. Todos nascemos iguais,



porque filhos do mesmo Pai. Então, a convivência tem que passar por esta porta. Luc Férry, escritor francês, diz que o ideal da Revolução Francesa de igualdade, liberdade e fraternidade só foi possível por causa do cristianismo. Com a cultura grega e romana jamais chegaríamos a este ideal. Para os gregos, as pessoas nascem desiguais. Para Jesus, todos nascem iguais porque filhos e filhas do mesmo Pai. Esta é a fonte da igualdade e da diversidade.

Junto com a igualdade Jesus Cristo viveu e conviveu com a diversidade. “Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te, e não peques mais” (Jo 8, 10-11).

### **Para refletir**

Precisamos apontar alguns caminhos para a superação desta cultura da dominação e da força que é fonte de desencontros na sociedade e que a escola tem a missão de enfrentar com vigor.

1. Você tem uma função na escola. O educador cristão assume esta função como uma missão. Em que você contribui para promover a igualdade na diversidade em sua função na escola? Em que você poderia contribuir mais para isto? Em que vocês enquanto professores, parte de um corpo docente, podem contribuir para isto?

2. Que passagem(ns) do evangelho você mais identifica com o que estamos refletindo?

# EDUCAÇÃO: UM PROCESSO INTEGRAL E HUMANIZADOR

*Patrícia Espíndola de Lima Teixeira*

*“Tornar-se autenticamente humano, tornar-se autenticamente si mesmo: essa é a questão da educação”  
(Edith Stein)*

São muitos os desafios enfrentados pela educação na atualidade. Os variáveis contextos sociais, políticos e econômicos atingem fortemente o espaço educativo e, não raras as vezes, condicionam a prática pedagógica. Ações utilitaristas, relativistas, imediatistas e fragmentadas entranham-se, inclusive, nos campos educacionais. Com isso, a educação fragiliza-se, e seus espaços desconfiguram-se na medida em que não asseguram a identidade de ciência privilegiada para a formação e desenvolvimento humano.

Apesar de parecer óbvia a finalidade educacional, na verdade, as inúmeras correntes de pensamento não trazem a mesma compreensão de ser humano. Concomitante a essa realidade, dispõe-se de um mosaico de abordagens teóricas, didáticas, práticas pedagógicas, concepções curriculares, metodologias de ensino. Investe-se na especialização dos objetos de conhecimento, na resposta às demandas sociais, na multiplicidade de saberes. Certamente estas são importantes contribuições para a qualificação do trabalho educativo. No entanto, ao considerarmos a educação enquanto espaço dialógico, torna-se contraditório quando tais investimentos não garantem a fundamental relevância dos sujeitos envolvidos no processo e não condizem com o valor intrínseco inerente a cada pessoa humana.

Para uma educação humanizadora, a base comum ao qual todo gesto educativo deve amparar-se é o próprio ser humano. Ser este que anseia por reco-

nhecer-se e ser reconhecido como capaz e potente, investido e valorizado em sua singularidade, pertencente a um contexto cultural e comunitário com o qual pode dialogar e intervir de forma única e criativa.

Nesta perspectiva, a pedagogia enfrenta o desafio de não perder de vista a que e a quem se destina. Torna-se assim urgente a ressignificação do ato de educar, alinhado ao essencial da educação enquanto compromisso com a primazia da pessoa individual e comunitária.

A visão globalizante do aprender e do ensinar deve conceber a vida como espaço pedagógico onde os saberes ganham significado por sua aplicabilidade, mas também pelo investimento depositado em cada sujeito em seu processo de humanização.

### **A arte de educar a pessoa integral e integrada**

Em cada educando, há uma pessoa concreta em um momento de vida, constituído por aprendizagens e experiências prévias. Cada sujeito singular carrega em si seu contexto familiar, cultural, bem como sua escolarização, aspirações, princípios, crenças, afetos, habilidades e competências próprias. Carrega também a potência que o impele a ir além do conhecido até então: tanto de si mesmo, quanto do outro e do próprio mundo.

Enquanto totalidade a pessoa manifesta-se na conjugação de suas dimensões biológica-emocional-cognitiva-social-espiritual. Não é assertivo que fragmente-se o educando pautando-se somente por suas capacidades cognitivas, ou por sua afetividade, ou mesmo por sua condição biológica e neurológica, ou ainda por seus recursos de socialização. Tampouco assegura-se a integralidade da pessoa ao anular sua condição espiritual, onde os princípios dos valores de eternidade habitam. Considerar o educando de maneira parcial é dissociar aquilo que ele é enquanto pessoa. Por isso, educação requer a valorização desta integralidade humana em todo seu complexo objetivo, subjetivo e também transcendente.

Cada pessoa é única e possui dignidade em si mesma. A pessoa nunca é um meio ou algo, mas alguém. Dotada de irrepetibilidade, inviolável dignidade, longe de ser objeto ou elemento passivo da vida social, a pessoa deve ser e permanecer como o sujeito, o fundamento e o fim de qualquer modalidade<sup>1</sup>, inclusive pedagógica. Tal olhar antropológico torna-se subjacente ao ato de educar quando, como educadores, estivermos ancorados não em influências superficiais, opiniões variáveis, líquidas e ilusórias, mas nos reconheçamos como pilares das quais muitas pessoas podem apoiar-se, construindo não só o seu saber, mas a si próprios.

Assim, torna-se fundamental redescobrir o ser em sua essência humana, de forma a conduzir a pessoa observando o que ela é, o que não é e o que pode vir a

1. PONTIFÍCIO CONSELHO "JUSTIÇA E PAZ". Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Capítulo III. Parágrafo 106.

ser. Uma pedagogia com sólida concepção de pessoa, como prática intencional e autêntica, consiste na arte de dar forma à própria vida.

Educar significa guiar outros seres humanos, de modo que se tornem aqueles que devem ser. Não se pode fazer isso, portanto, sem saber o que é o ser humano, a que ele se assemelha, para que deve ser guiado e quais são os caminhos possíveis.<sup>2</sup>

É preciso acentuar o fato de que nenhuma pessoa edifica-se sozinha. A pessoa humana constrói-se na relação com os demais. O ser humano é um todo individual, porém, inter-relacionado a um todo maior – a família, a comunidade, a sociedade, a humanidade e o próprio mundo natural.

### **O caráter relacional da educação: por uma pedagogia empática**

Em uma época marcada pelo individualismo, autorreferencialidade, insegurança e instabilidade, não considera-se relevante somente a aprendizagem do ser, mas também, do conviver. As relações interpessoais encontram-se fragilizadas e, com isso, fragilizam os vínculos comunitários e, conseqüentemente, cada pessoa em si. O ser humano, centrado em si mesmo, não se desenvolve plenamente como pessoa e pouco compromete-se com a vida comunitária.

Neste sentido, a educação tem muito a contribuir, visto que faz parte da construção do conhecimento a espiral dialógica, troca de ideias, problematização dos saberes e a criação de soluções em comum. Considerando que o ser humano não vem ao mundo “acabado”, mas como um ser sociável e educável, em contínuo processo de crescimento e humanização, configura-se como fundamental o papel da comunidade na constituição da pessoa.

São diferentes as comunidades formativas: tanto a família (e principalmente), quanto a escola e a própria sociedade são esferas que devem significar o sentido de pertença, acolhimento e estímulo aos seus. Certamente, quando uma dessas comunidades furta-se de seu papel, possibilita lacunas na promoção do bem e do desenvolvimento humano.

Com isso, torna-se indispensável uma pedagogia empática, onde a consciência de si e do outro encontre-se articulada de forma cooperativa e solidária. O ser humano afirma-se como pessoa na medida em que se compreende em referência a um tu, pois só assim é capaz de reconhecer-se como eu.<sup>3</sup> Consolida-se como sujeito relacional quando consegue transcender a si mesmo e reconhecer

2. Edith Stein apud RUS, Éric de. A Visão Educativa de Edith Stein. Aproximação a um Gesto Antropológico Integral. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015, p.34.

3. PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Capítulo III. Parágrafo 130.

o outro como seu semelhante.

O espaço educativo empático deve buscar promover o respeito às diferenças nas particularidades, a sensibilização diante das situações vivenciadas pelo outro, a condução para os princípios e valores universais em prol da dignidade humana e prática fraterna da reciprocidade e auxílio mútuo. A educação, assim, nos ensinará a viver como seres humanos.

### **A pessoa humana como um ser aberto à transcendência**

Espalha-se na sociedade uma atmosfera que faz duvidar do valor da pessoa humana, do significado da verdade e da bondade da vida. De fato, o ser humano apesar de todo seu potencial empático, em diferentes situações, insiste no mal uso de sua liberdade. Relacionado a isto, vivemos uma época que busca instaurar a privatização da religiosidade e a indiferença ao sagrado.

Aos educadores cristãos, cabe sempre recordar o valor de uma pedagogia da esperança em contextos tão áridos. É preciso ter presente o que o Cristo Mestre ensina: se o ser humano é limitado e passível de erros, também é verdade que, como pessoa, foi elevado à condição de imagem de Deus Uno e Trino. Cada ser humano é chamado a viver e responder ao amor de forma única e livre. Como vértice de todo o criado, a pessoa humana é capaz de conhecer-se, possuir-se e doar-se livremente em um exercício de comunhão com seus semelhantes e com o próprio Deus.<sup>4</sup>

Reconhecer o belo, o bom e o verdadeiro em contextos tão desafiadores provocam o próprio educador cristão a uma maior aproximação da fé, da esperança e da caridade. Para isso, corrobora um processo educativo harmonizado e conducente à formação da pessoa capaz de autoconsciência, inserção e contribuição comunitária e abertura à transcendência.

Retoma-se, assim, a dimensão espiritual constituinte do ser humano. As faculdades espirituais mais próprias da pessoa - a razão, o discernimento do bem e do mal e a vontade livre, bem como as aspirações mais profundas de seu coração, revelam tanto a sua finitude, como sua vocação à eternidade.<sup>5</sup> Na medida em que a pessoa abre-se à transcendência, inclina-se ao encontro da graça que o conduz aos valores mais elevados e plenos.

Enquanto missão pastoral, o gesto educativo faz o anúncio profético de reconstrução da pessoa humana à luz de seu chamado à vida em plenitude. Com isso, a educação cristã traz em si o sentido originalmente humanizador, visto que não reduz a pessoa aos princípios intelectuais, ao contrário, valoriza a aliança entre fé e razão, a graça e a cooperação humana. Alerta para a incon-

4. Ibidem. parágrafos 108-109.

5. Ibidem, parágrafo 114.

sistência do conhecimento sem a consciência empática, sinaliza que intelectua-  
lidade não garante ética, tampouco por si só edifica as relações humanas, nem  
mesmo confere a cada ser em si o respeito à sua integralidade.

Na medida em que humaniza-se, a pessoa é capaz de tornar-se um ser com  
o outro, para o outro e em relação ao outro, em um exercício do bem comum.  
Fazendo uso da linguagem cristã, pode-se afirmar que somente assim é capaz  
de fazer de seu conhecimento um dom a ser ofertado.

Uma pedagogia aberta à transcendência considera a possibilidade da vida  
em comunhão com o Ser Eterno, que habita o interior do ser humano, ser fini-  
to. Permite encarar a força da graça como luz para o entendimento, acesso à  
liberdade associada à responsabilidade e inclinação da vontade ao bem pessoal  
e comunitário.

Por fim, aprendamos o princípio de Santa Teresa, a grande pedagoga, pa-  
droeira dos educadores, que ensina: “Quanto mais humanos, mais de Deus.  
Quanto mais de Deus, mais humanos.”

### **Para reflexão**

- Nosso gesto educativo tem se conduzido efetivamente com que finali-  
dade? Com que compreensão de ser humano? Para construir que tipo  
de sociedade? A abertura à transcendência faz parte da ação multi-  
disciplinar?
- Quais possíveis práticas pedagógicas podem de fato promover de fato,  
uma educação mais humana e solidária entre a comunidade escolar?  
Como favorecer o exercício de uma pedagogia empática no cotidiano  
do ensino e aprendizagem?

### **REFERÊNCIAS**

BENTO XVI. Carta do Papa Bento XVI à diocese e à cidade de Roma sobre A  
Tarefa Urgente de Formação das Novas Gerações. Vaticano, 21.01.2008. Dispo-  
nível em: [w2.vatican.va](http://w2.vatican.va). Acesso em 18.12.2016.

\_\_\_\_\_. Discurso aos educadores católicos dos Estados Unidos, 17.04.2008.  
Disponível em: [w2.vatican.va](http://w2.vatican.va). Acesso em 18.12.2016.

CNBB. Educação, Igreja e Sociedade. Estudos da CNBB, 47. São Paulo: Pau-  
lus, 1992.

\_\_\_\_\_. Pastoral da Educação: estudos para diretrizes nacionais. Estudos da CNBB, 110. São Paulo: Paulus, 2016.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962 -1965, Cidade do Vaticano. Gravissimum Educationis. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2001.

\_\_\_\_\_. Gaudium et Spes. In: Documentos do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2001.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica Fides et Ratio sobre as Relações entre Fé e Razão. São Paulo: Paulinas, 1998.

PONTIFÍCIO CONSELHO "JUSTIÇA E PAZ". Compêndio da Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2005.

RUS, Éric de. Uma visão Educativa de Edith Stein. Aproximação a um Gesto Antropológico Integral. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

SBERGA, Adair Aparecida. A Formação da Pessoa em Edith Stein. São Paulo: Paulus, 2014.

# PASTORAL DA EDUCAÇÃO E A RELIGAÇÃO DE SABERES

*Sônia Maria de Souza Bonelli*

Ao iniciarmos esse trabalho, importante é delinear o que é a Pastoral da Educação, ressaltando o seu significado para as práticas educativas, para o crescimento do ser Cristão Educador e para o desenvolvimento dos educandos, à luz dos ensinamentos do Evangelho.

Para a CNBB (1986, p.34) pastoral da educação é o

conjunto dos esforços orgânicos e sistemáticos que o Povo de Deus faz para refletir e pôr em prática a mensagem evangélica e suas exigências na educação. É a presença e a ação da Igreja, proclamando e construindo, o Reino de Deus, no e através do mundo da Educação.

Nesse sentido, acreditamos que não é possível falar em Pastoral da educação sem falar dos ensinamentos de Cristo, Ele que foi o maior dos educadores. Ensinava através de parábolas, que são pequenas histórias que Ele contava, quando queria que as pessoas entendessem um pensamento de grande valor. De forma figurada, Jesus conseguia fazer com que as pessoas tivessem a compreensão da vida, de forma mais simples e mais profunda.

Jesus em suas pregações ensinava a partir das nossas necessidades. Ele era tão informal que as pessoas se sentiam à vontade para fazer-lhe perguntas; ensinava vida e nunca discriminava ninguém; ao contrário, para Ele, todos eram iguais, conhecia e valorizava cada um. Podemos até dizer que Jesus preenchia com seus ensinamentos nossas necessidades intelectuais, espirituais, emocionais e físicas, pois preparava vidas para o tempo e para a eternidade.

O processo de educação começa com o chamado para estar com o Mestre, beber de sua sabedoria e fé, imbuir-se do Espírito que o anima. A educação se



faz convivendo com pessoas significativas, que agregam valor, que são referências para a vida. O educador vê no outro, para além de ideologias, um parceiro no processo de construção de um saber efetivo e afetivamente significativo. Somos parte do que amamos e queremos. As coisas que fazemos têm parte de nós, têm a nossa face, pois os nossos compromissos e a nossa confiança plasmam a nossa identidade. É pelas opções cotidianas, as quais definem uma orientação para a vida, que podemos falar de identidade pessoal. O ato de educar é, essencialmente, fruto do diálogo, acontece na interação comprometida e responsável. Educar é alimentar o desejo (vontade), o coração e a inteligência para o desafio de assumir a construção histórica do próprio destino, individual e sociocultural, de maneira solidária e responsável.

De acordo com Meier (2006), a partir do momento em que sou capaz de ver o outro como um irmão, uma irmã, isso implica profundidade de laços, fazendo com que minhas ações educativas necessariamente sejam outras, potencialmente compromissadas, uma vez que “somente os humanos têm a faculdade de conceber o ideal, de acrescentar algo ao real, de conferir sentido à existência. Eis o papel do educador: ser motivador e facilitador desse processo”. (p.170) O trabalho docente torna-se impossível sem a interação humana, uma vez que educador e educando se complementam na busca de suas humanidades, na busca do sentido de ensinar e aprender, na busca das relações que se estabelecem entre eles para que cada um possa crescer e amadurecer como ser humano, fortalecer vínculos e, principalmente, escutar o outro, aceitando-o com suas diferenças e acolhendo-o nas suas idiossincrasias.

Perceber o ser humano como objeto de nosso trabalho é também desenvolvermos uma docência voltada para o aprender a ser, ou seja, uma docência que deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, “espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade”. (DELORS, 2001 p.99)

Dessa forma,

Cabe a cada um de nós, educadores, sensibilizados pela espiritualidade do homem de Nazaré, proporcionar aos educandos a atitude e a orientação de vidas marcadas fundamentalmente por essa mesma fé: da superação do caos e do resgate à promoção da dignidade inalienável de todo ser. (MEIER, 2006 p.173)

Somos seres espirituais e devemos nos colocar a serviço de uma espiritualidade que transcenda particularidades, que nos encaminhe para a comunhão no sentido de construção comunitária, com um convívio responsável, e consequentemente, trabalhar com os educandos esta superação do caos na busca

da integralidade do ser humano e do sentido para a vida. Essa busca do sentido para a vida passa pela força interior de cada um de nós, que busca no outro e na perspectiva de um objetivo maior, o sentido de sua existência, por maiores que sejam os desafios a serem vencidos.

Diante de um século como o século XXI, que se apresenta com desafios em áreas como a da economia, do social, do cultural, do religioso, do político, com a educação não poderia ser diferente. Parece que estamos envoltos em um sistema onde tudo é possível de ser substituído por um outro diferente ou por um similar, porém na Educação não podemos permitir que isso aconteça. A educação é o bem maior que um pai ou uma mãe podem deixar para seus filhos e isso precisa ser preservado por meio do cuidado, do cultivo de valores e do investimento em sonhos, para que essa criança venha a vislumbrar possibilidades de conquistas em seu futuro. E o professor também faz parte dessa trajetória, como a pessoa que, através de seu conhecimento, de seus valores e de suas crenças vai contribuir para que o educando alcance seus objetivos.

Buscando novas possibilidades, trazemos a Pastoral da Educação como uma forma dessa criança e/ou adolescente enxergar novos rumos para sua trajetória. Mas para que isso aconteça esse professor precisa também se alimentar, e, quando falamos em alimento, aqui nos referimos ao alimento do espírito, da alma, que, de acordo com Meier (2006), pode ser traduzido pelo cuidado com as pessoas e com as coisas no sentido de amar e explorar possibilidades presentes no outro que não sabe que existem. Ajudar o aluno a se enxergar como uma pessoa que tem muito a contribuir, que tem algo a dizer, que tem um ideal e um sonho a ser alcançado, é apostar na esperança da humanização do mundo.

### **Religando os saberes.**

Trabalhar na perspectiva da religação dos saberes (Morin, 1999), é ter presente a necessidade de organizar o conhecimento de forma analítica e ao mesmo tempo sistêmica, uma vez que são complementares. “Enquanto a atitude analítica permite extrair factos da Natureza, a atitude sistêmica favorece a sua inscrição dentro de um âmbito mais amplo que permite o exercício da razão, da Lógica” (ROSNEY, 1999, p.434) Então é por meio dessa relação que conseguimos religar os saberes, ou seja, precisamos ver a parte mas sem esquecer do todo.

É necessário termos consciência de que cada conteúdo a ser desenvolvido com os nossos educandos é importante, faz parte da história da humanidade e nos ajuda a estabelecer uma análise da conjuntura. Mas como estes conteúdos podem ser trabalhados? Como podem ser interligados? Uma das possibilidades é promover um currículo que nos leve a transformação do mundo em que vivemos, buscando cada vez mais a interdisciplinaridade, a humanização, a par-

ticipação dos alunos em debates sobre temas da atualidade, ter capacidade de escuta, disposição e paciência, instruir, aconselhar, consolar, confortar, perdoar e suportar cada um dentro da sua condição.

Para Meier (2006 p.164) “educar é essencialmente um ato religioso, pois nos religa ao outro, nos faz reler o mundo com nova ótica e reeleger as opções que libertam a vida”. Para o autor um dos grandes males de nosso processo educativo é a discrepância entre escola e vida, entre o conhecimento e as informações, situação esta evidenciada por nossa própria prática docente. Como modificar isso?

Em relação aos alunos, é importante que se percebam como corresponsáveis no processo de sua formação, com capacidade de se avaliarem e se adaptarem às mudanças, num processo de educação permanente, principalmente em relação ao mundo que os cerca. Quanto a nós, professores, devemos ser os mediadores no processo de formação de nossos alunos, devemos explorar os conhecimentos por meio da autoaprendizagem, que só poderá ser desenvolvida por intermédio da autonomia, isto é, a possibilidade de pensar e refletir criticamente.

Assim, ambos poderão interagir, no âmbito da escola, num ambiente de acolhida e de entendimento. Esse processo poderá contribuir para a formação de pessoas capacitadas para enfrentar os conflitos e os desafios dessa sociedade do conhecimento.

Acreditamos ainda que para essa religação dos saberes é necessário:

- Estar sempre presente junto ao aluno.
- Ser forte diante de resultados adversos.
- Manter viva a chama do amor.
- Educar com coerência, num permanente intercâmbio entre professor/educando.
- Acolher as dificuldades que surgem em nossa jornada sabendo administrá-las.
- Comprometer-se com o individual e com o coletivo.
- Trabalhar em conjunto, assumindo compromissos.

Retomando o sentido deste texto: a importância da Pastoral da Educação para a nossa prática docente, reforçamos o sentido de unidade na diversidade, isto é, olhar os nossos alunos como um todo, mas perceber as singularidades de cada um, é preciso acabar com o pensamento fragmentado, com uma educação estanque onde o conhecimento está imerso em caixas isoladas e a cada momento uma caixa é aberta.

Precisamos perceber o todo como se fosse uma teia, onde todas as partes

estão interligadas é preciso ver nos educandos a sensibilidade, a bondade, a esperança; é preciso ver no educando, antes de tudo, um irmão, uma irmã. Como cita Meier (2006), isso implica profundidade de laços e conseqüentemente uma ação educativa “existencialmente comprometida”.

### **Para refletir:**

1. Como você como professor pode contribuir para o ato de educar verdadeiramente? Qual o papel do aluno nesse processo educacional?
2. Como a Pastoral da Educação pode contribuir para um processo de educação mais comprometida com o outro?

### **REFERÊNCIAS:**

- CNBB. Para uma pastoral da educação. São Paulo:Paulinas, 1986
- DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2001
- MEIER, Celito. A educação à luz da pedagogia de Jesus de Nazaré. São Paulo: Paulinas, 2006
- MORIN Edgar. O desafio do século XXI – religar os conhecimentos. Portugal: Instituto Piaget, 1999
- ROSNAY Joël de. Conceitos operadores transversais in MORIN Edgar. O desafio do século XXI – religar os conhecimentos. Portugal: Instituto Piaget, 1999 p. 433-438

# PROTAGONISMO JUVENIL: UM DESAFIO PARA AS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS

*Maurício Perondi*

*“A educação que temos ensina a sermos passivos;  
é preciso uma educação que forme lideranças”  
(Mosé, 2013)*

## **1. A necessidade de formar líderes através do protagonismo**

Vivemos numa época de questionamentos a respeito da democracia, do papel das instituições e da participação cidadã nos processos decisórios da sociedade. Segundo Viviane Mosé (2013) vivemos inclusive uma crise de lideranças em nosso país, visto que muitos dos líderes estão sendo questionados por suas incoerências e falta de posturas éticas que inspirem as demais pessoas.

Diante disso, podemos nos perguntar: como podemos fazer para desenvolver novos espíritos de liderança junto às novas gerações? Certamente as escolas e os processos educativos em geral tem um papel decisivo neste aspecto. Mas para isso é preciso ter uma concepção que considere os estudantes (crianças, adolescentes e jovens) como sujeitos centrais do processo educativo e que lhes possibilite formação e práticas que possibilitem que desenvolvam o seu protagonismo.

O protagonismo juvenil pode ser abordado de duas formas. De um lado estão grupos tradicionais, como é o caso de movimentos sociais, de pastorais e de várias instituições educativas, que a mais tempo defendem e empregam a concepção de protagonismo como espaço efetivo para a participação dos jovens.

De outro lado, surgidos a bem menos pouco tempo, estão grupos tais como ONGs, organismos internacionais, programas governamentais e empresariais, que empregam o protagonismo como forma de integração e ajustamento dos jovens nas instituições e na sociedade como um todo (PERONDI, 2012).

Neste texto vamos aprofundar a diferença entre estas duas posições e a, ao final, apontaremos algumas perspectivas de como o protagonismo juvenil pode ser desenvolvido nas escolas.

## **2. Uma visão positiva sobre o protagonismo juvenil**

Nesta perspectiva o protagonismo é adotado como participação efetiva dos jovens nos grupos em que estão inseridos. De acordo com Antônio Carlos Gomes da Costa “a palavra protagonismo é formada por duas raízes gregas: proto, que significa “o primeiro, o principal” e por agon, que significa “luta”. Agonistes, por sua vez significa “lutador”. Protagonista quer dizer então, lutador principal, personagem principal, ator principal. Uma ação é dita protagônica quando, na sua execução, o jovem é o ator principal no processo de seu desenvolvimento. Por meio desse tipo de ação, o jovem adquire e amplia seu repertório interativo, aumentando assim sua capacidade de interferir de forma ativa e construtiva em seu contexto escolar e sócio-comunitário. (2000, p. 77).

Abordado sob esta perspectiva, o protagonismo juvenil coloca no centro das ações a pessoa do jovem, que tem autonomia de decisão e de atuação. Para exercer a sua autonomia o jovem precisa participar de todos os passos dos processos de ação que são desenvolvidos, desde a fase do planejamento, passando pela execução, até a avaliação final dos resultados.

Para Costa, o protagonismo juvenil consiste em “preparar os jovens para a tomada de decisões baseadas em valores não apenas lidos e escutados, mas vividos e incorporados em seu ser. Jovens assim estarão, certamente, mais bem preparados para enfrentar os dilemas da ação coletiva que caracterizam a sociedade, onde a pluralidade e o conflito de pontos de vistas e de interesses entre pessoas, grupos e instituições, longe de ser uma patologia, são parte integrante do tecido social. Somente uma sociedade com tais, características é digna de ser chamada de democrática e participativa. (2000, p. 142).

A partir deste ponto de vista, o protagonismo juvenil é concebido como um processo positivo, que possibilita aos jovens uma integração gradativa na sociedade. Através da ação, os jovens estariam mais preparados para enfrentar os dilemas que a vida social apresenta. Tais condições seriam oportunizadas pelo exercício da autonomia e pela incorporação de valores, assimilados a partir da prática e não através de uma mera “transmissão” por parte de outras pessoas.

### 3. Uma visão limitada sobre o que é o protagonismo juvenil

Além da percepção positiva do conceito de protagonismo juvenil, há outros autores que questionam a sua adoção, o seu discurso e as práticas decorrentes do mesmo. Para Regina Souza “é um discurso de adultos, produzido e compartilhado pelos organismos internacionais, órgãos governamentais, ONGs, empresários e educadores, ou seja, pelos adultos que se dedicam à integração da juventude, considerada objeto de intervenção. O jovem protagonista é objeto e não sujeito de políticas e medidas governamentais e não-governamentais. (2008, p. 17).

O pressuposto utilizado pela autora é de que as ações de protagonismo juvenil têm como objetivo apenas a integração dos jovens na sociedade, não se preocupando com a ação política dos jovens no espaço público. O argumento é de que a alternativa de participação proposta pelo discurso do protagonismo anula a política, ao invés de promovê-la.

No apontamento da autora, são duas as formas pelas quais ocorre a anulação da política no discurso contemporâneo, que inclui o protagonismo: através da instrumentalização da ação, que é reduzida à atividade-meio, tendo em vista um objetivo material e quantificável, e pelo estabelecimento do consenso. Nesta “nova forma de política, a mudança social seria resultado da atividade direta do indivíduo, modelo que supôs a transformação da própria noção de mudança, agora concebida como alteração imediata e quantificável de uma situação específica, considerada negativa, e que atinge um número determinado de pessoas. Numa palavra, tal modelo valoriza o ativismo privado – seja ele do indivíduo, da empresa ou da ONG – como meio de provocar a “mudança”. É um tipo de “participação” baseada na atividade, em realizações “concretas”, ou seja, em fazer”. (SOUZA, 2008, p. 12-13).

Nesta primeira forma de anulação da política, a autora aponta que no mundo contemporâneo se exacerbou um “ativismo privado”, onde o discurso afirma a necessidade da ação concreta, porém, desvinculada dos processos históricos e sociais, onde tornando preponderante a atuação dos indivíduos de modo isolado e sem uma necessária conexão.

Esta compreensão de protagonismo mostra-se mais presente em programas de organismos internacionais, em projetos de governos locais, em projetos empresariais e de empreendedorismo, entre outros. Nestes âmbitos, muitas das ações desenvolvidas têm como objetivo principal a integração e o ajustamento dos jovens às instituições e à sociedade como um todo.

Contudo esta concepção também pode estar presente nas escolas. Isso acontece quando se utiliza um discurso que afirma defender o protagonismo juvenil, mas na prática os estudantes são meros espectadores ou cumpridores de programas e atividades que chegam prontos e estruturados sem a participação deles.

#### 4. Como desenvolver o protagonismo juvenil na escola

A escola pode ser considerada como um espaço privilegiado para a formação e o exercício do protagonismo juvenil. Para que isso aconteça é importante que se tenha uma opção político-pedagógica da instituição e coloque em prática um conjunto de práticas e posturas que contribuam para o seu desenvolvimento. Destacamos alguns aspectos que julgamos importantes neste processo:

- Ter uma compreensão do jovem como sujeito que é capaz de assumir responsabilidade e projetos e não apenas como uma espécie de “tabula rasa” sem conhecimentos e experiências;

- Superar a visão de os jovens representam um problema ou até mesmo um perigo; é preciso acreditar e apostar nas suas potencialidades;

- Realizar estudos e experiências práticas sobre a política e a democracia brasileira. Por exemplo, conhecer e visitar a Câmara Municipal, a Assembleia Legislativa, o Orçamento Participativo, etc.

- Apostar no engajamento participativo dentro da escola, que pode acontecer através de grupos tais como: Grêmio Estudantil, Grupo de Jovens, Voluntariado, Hip-Hop, etc.

- Desenvolver um projeto de Líderes de Turma, onde seja possível realizar um diálogo produtivo sobre as demandas e necessidades dos estudantes.

- Propor experiências de solidariedade na escola e no seu entorno, fazendo uma experiência entre teoria e prática, onde os estudantes possam se envolver em problemas concretos da sua comunidade.

- Discutir com os educadores como os estudantes podem ser protagonistas do próprio processo educativo, em sala de aula, pois muitas vezes, se concebe que ele deva ser protagonista somente quando está participando de um grupo fora da aula. Hoje já se sabe pelas teorias da educação que quanto mais ele participar do processo de construção do conhecimento mais irá aprender, ou seja, o estudante aprende muito pouco apenas ouvindo. Ele aprende participando e sendo sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Muitas vezes a resposta que buscamos para o trabalho com jovens está neles próprios e nós, geralmente, queremos chegar a eles com os projetos prontos. Cabe, portanto, um olhar e uma presença sensível que acolha os que eles estão vivenciando, contribuindo para que façam as suas experiências e as suas opções.

O protagonismo juvenil não se aprende apenas com teorias, pois ele acontece sobretudo a partir das práticas, por isso, é fundamental que as escolas tenham propostas de experiências concretas de participação dos seus estudantes.



### **Para refletir:**

1. Você saberia definir qual é a concepção de juventude que a sua escola adota/demonstra através de suas concepções e práticas?
2. Ao falar de protagonismo juvenil, a sua escola se aproxima mais de uma “visão potencializadora da participação dos jovens” ou de uma “visão de integração e ajustamento”?
3. Como a sua escola pode propor experiências concretas que favoreçam o desenvolvimento do protagonismo juvenil?

### **REFERÊNCIAS**

- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000.
- MOSÉ, Viviane. *A escola e os desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- PERONDI, Maurício. *Protagonismo juvenil: um conceito em disputa?*. Revista Redemoinho. Porto Alegre, v. 1, p. 6-11, 2012.
- SOUZA, Regina Magalhães de. *O discurso do protagonismo juvenil*. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Ciências Sociais).

